

“Podemos curar o cancro em 10 anos”

O Nobel da Medicina pela co-descoberta do ADN em 1962, James Watson, deu esta semana em Lisboa, uma conferência sobre o tema “Cure o cancro hoje, não amanhã”. O famoso biólogo molecular americano acredita que é possível encontrar a cura para os principais cancros antes de 2020.

❑ **Defende que a cura do cancro é um objectivo para hoje e não para amanhã. Porquê?**

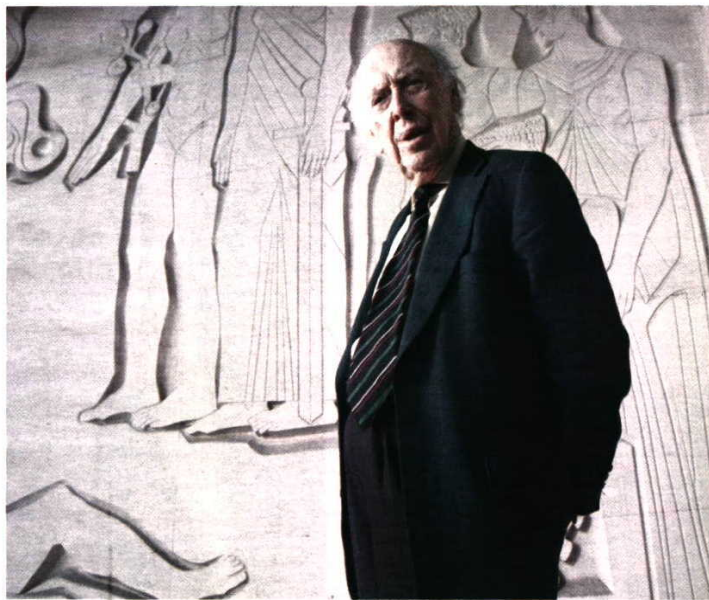
❑ Há cinco anos não sabíamos, mas hoje finalmente compreendemos como o podemos curar, o que acontece à divisão das células e a todo o metabolismo. Algumas ideias são bem antigas (1924), como o facto de as células cancerosas consumirem muita glucose. Mas desde então não evoluímos o suficiente na bioquímica e precisamos de completar o projecto do Genoma Humano para perceber como eram realmente os genes das células cancerosas.

❑ **Os avanços na genética foram rápidos?**

❑ Avançámos muito depressa e estamos a começar a descobrir algumas das mutações genéticas que acontecem no cancro. Durante 30 anos estivemos focados na genética, mas agora vamos concentrar a investigação nas reacções químicas entre as células cancerosas, ou seja, nas proteínas que movem as moléculas de glucose nas células. Neste momento podemos fazer muita coisa e não temos de esperar mais dez anos.

❑ **Portanto, a guerra contra o cancro está a chegar ao fim?**

❑ Nunca gostei da expressão



“Os medicamentos contra o cancro têm de ser baratos para chegarem a todos” FOTO JOSÉ VENTURA

‘guerra contra o cancro’, porque ainda não sabemos o suficiente sobre ele para entrarmos em guerra. Temos de conhecer bem o que estamos a enfrentar, porque senão estamos a mobilizar recursos de forma errada.

❑ **De quantos anos precisa a Ciência para curar a doença?**

❑ Em dez anos, entre 2010 e 2020, será possível curar os principais cancros.

❑ **E quando poderemos conhecer todas as mutações genéticas que estão na sua base?**

❑ Estamos muito perto de alcançar esse objectivo.

❑ **Propôs em Agosto que o National Cancer Institute (NCI) dos EUA desenvolva novos medicamentos para uma cura duradoura do cancro. Como reagiu o NCI e a Administração Obama?**

❑ Não reagiram directamente, mas conheço os conselheiros científicos que estão na Casa Branca, sei que podem liderar a luta contra o cancro e sei que Obama leu a minha proposta num artigo de opinião publicado no “The New York Times”.

❑ **Qual seria o papel da Organização Mundial de Saúde ou de centros de investigação como a Fundação Champalimaud?**

❑ Teriam certamente um papel relevante. Mas é importante que estas instituições se concentrem, para já, em conhecer me-

OS NÚMEROS DA DOENÇA

13%

das mortes em todo o mundo (2007) foram causadas pelo cancro, que é a principal doença mortal

30%

dessas mortes podiam ser evitadas, segundo a Organização Mundial de Saúde. O consumo de tabaco é o maior factor de risco de cancro

72%

dessas mortes ocorreram nos países de baixos e médios rendimentos

lhor os principais cancros, para depois os conseguirem curar.

❑ **Os actuais medicamentos contra o cancro ainda não levam a uma cura prolongada. Porquê?**

❑ Porque as células cancerosas são geneticamente muito instá-

veis, estão em constante mutação, e esses medicamentos podem matar 99% destas células, mas 1% não muda e surge assim uma nova faceta da cura. Talvez haja uma faceta comum a todos os cancros, e é aí que nos teremos de concentrar.

❑ **Como irão ser os medicamentos do futuro?**

❑ Não sei, porque ainda há investigação importante a fazer. Mas terão de ser medicamentos baratos para chegarem a toda a gente. Não pode acontecer como nos EUA, onde há pessoas que morrem de cancro porque os medicamentos são muito caros. Antigamente, o funcionamento das companhias farmacêuticas era para combater as doenças, mas hoje é para dar dinheiro aos accionistas. O capitalismo nem sempre funciona. Não sou nenhum marxista, não sou um esquerdista, quero ser apenas um cientista. Mas as desigualdades não devem ser tão grandes que uns doentes possam ser tratados e outros não. Uma boa sociedade tem de cuidar de todos e vender medicamentos baratos. Não quero tirar dinheiro às pessoas ricas, mas não posso admitir que haja pessoas tão pobres que não se conseguem tratar. Tem de haver um compromisso.

VIRGÍLIO AZEVEDO
vazevedo@expresso.impresa.pt